

AUTOMEDICAÇÃO ENTRE IDOSOS DE UM BAIRRO DE CAPINA GRANDE - PB

Allan Batista Silva¹; Cristina Ruan Ferreira de Araújo²; Saulo Rios Mariz³;
Rafael Bruno da Silveira Alves ⁴.

¹ Bolsista do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Discente do curso de
Enfermagem da UFCG, allansnt@hotmail.com;

² Tutora do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Professora Adjunta da
UFCG, profcristinaruan@bol.com.br;

³ Colaborador do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Professor
Adjunto - UFCG, sjmariz22@hotmail.com;

⁴ Bolsista do PET/Conexões de Saberes – Fitoterapia e Discente do curso de
Medicina da UFCG, rafab.fb@gmail.com.

INTRODUÇÃO

A população mundial esta envelhecendo de forma acentuada em todo o mundo e principalmente nos países em desenvolvimento. No Brasil, por exemplo, o número de pessoas com 60 anos ou mais na década de 60 era de 3 milhões. Esse número aumentou para 14 milhões em 2000 e estima-se que esse número chegue a 32 milhões no ano de 2025¹.

Decorrente das perdas que ocorrem ao longo da vida, as pessoas idosas apresentam características específicas do ponto de vista fisiológico, psicológico e social, o que as tornam vulneráveis ao surgimento de doenças². Sendo assim, muitas vezes os idosos realizam a prática da automedicação em busca do alívio de

problemas ou sintomas que os afligem³.

A automedicação é uma prática comum na população brasileira, definida como o uso de produtos, sejam eles medicamentos sintéticos ou plantas medicinais, para o tratamento ou prevenção de doenças e sintomas sem a prescrição, orientação ou acompanhamento de um profissional da saúde legalmente habilitado^{4, 5, 6}.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo apresentar a prevalência da automedicação com medicamentos alopáticos e/ou com plantas medicinais por idosos usuários de uma Unidade Básica de Saúde da Família Malvinas V, Campina Grande – PB.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva e exploratória com abordagem quantitativa, realizada na Unidade Básica de Saúde da Família (UBSF) Malvinas V, no bairro Malvinas da cidade de Campina Grande (PB) entre os meses de Setembro e Novembro de 2011. A população estudada foi composta pelos usuários da UBSF onde a pesquisa foi realizada. Para a coleta dos dados foi aplicado um questionário semiestruturado com perguntas dicotômicas, discursivas e de múltipla escolha. Os dados foram tabulados e analisados por meio do programa *Microsoft Office Excel 2007*. O questionário foi aplicado após a assinatura do TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado de acordo com a Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na presente pesquisa os resultados revelaram que, entre os idosos

entrevistados, 78 (83%) eram do gênero feminino e 16 (17%) do gênero masculino. Destes idosos, 59 (62,8%) possuíam idade entre 60 e 69 anos, 22 (23,4%) entre 70 e 79 e 13 (13,8%) acima de 80 anos. A renda familiar mais prevalente era de até um salário mínimo (33%) e a maioria dos idosos possuía apenas o ensino fundamental incompleto (30,85%).

Outro estudo realizado na cidade de Salgueiro (PE), foi identificado que a maioria dos idosos possuía idade entre 60 e 70 anos (44,9%), eram do gênero feminino (69,8%) e possuíam primeiro grau incompleto (40,7%).⁵

Dentre os idosos entrevistados no presente trabalho, 46 (48,9%) se automedicavam com plantas medicinais e 7 (7,45%) se automedicavam com medicamentos sintéticos. Na automedicação, tanto por plantas medicinais como por medicamentos alopáticos, o gênero feminino foi mais prevalente, correspondendo a 95,65% e 57,14% respectivamente. A maioria das mulheres que se automedicavam, seja por plantas medicinais ou por medicamentos alopáticos, possuíam idade entre 60 e 69 anos.

Sendo assim, outra pesquisa apontou grande prevalência da automedicação em idosos moradores de uma cidade do estado de Santa Catarina, onde era realizado principalmente o uso por conta própria das plantas medicinais como alternativa para o tratamento de alguns agravos à saúde (55,4%).³

A automedicação, seja ela por medicamentos alopáticos ou por plantas medicinais, aumenta o risco de eventos adversos ou alérgicos e intoxicação, além do atraso no diagnóstico e na terapêutica adequada. Vale ainda lembrar que a automedicação também pode mascarar algumas doenças e fazer com que surjam novos problemas motivando o idoso a fazer mais ainda o uso indiscriminado de plantas e medicamentos. Além disso, pelo fato dos idosos serem mais susceptíveis à ação dos fármacos, devido as suas particularidades, aumenta-se a probabilidade de interação medicamentosa, o que pode resultar em respostas indesejáveis ou

iatrogênicas.^{5, 7,8, 9}

Dentre os idosos que se automedicavam com plantas medicinais, 60,87% achavam que as plantas medicinais não podem fazer mal a saúde e 82,61% aconselham outras pessoas a usar plantas medicinais.

Assim como, entre os idosos entrevistados, 23 (24,46%) faziam associação medicamentosa, sendo esta entre planta e medicamento alopático (65,22%) ou entre plantas (34,78%).

CONCLUSÃO

Foi observado que a automedicação é uma pratica comum entre os idosos avaliados, principalmente entre mulheres, na faixa etária entre 60 e 69 anos e principalmente com plantas medicinais pela crença de que tais produtos são inofensivos pelo fato de serem naturais. Sendo assim, faz-se de grande importância que os profissionais de saúde estejam atentos para desenvolver ações de orientação à esses pacientes de modo a evitar situações de problemas relacionados a medicamentos, pois **essa** subgrupo de usuários (idosos) tem suas peculiaridades que os tornam mais fragilizados diante desse problema da automedicação.

REFERÊNCIAS

1. Filho AIL, Uchoa E, Firmo JOA, Lima-Costa MF. Prevalência e fatores associados à automedicação: resultados do projeto Bambuí. Rev. Saúde Publ. 2002;36(1):545-553.
2. Oliveira CAP, Marin MJS, Marchioli M, Pizoletto BHM, Santos RV. Caracterização dos medicamentos prescritos aos idosos na Estratégia Saúde da Família. Cad. Saúde Pública, 2009 Mai;25(5):1007-1016.

3. Cascaes EA, Falchetti ML, Galato D. Perfil da automedicação em idosos participantes de grupos da terceira idade de uma cidade do sul do Brasil. ACM arq. catarin. med. 2008; 37(1): 63-69.
4. Oliveira MA, Francisco PMSB, Barros MBA. Automedicação em idosos residentes em Campinas, São Paulo, Brasil: prevalência e fatores associados. Cad. Saúde Pública. 2012; 28(2):335-345
5. Sá MB, Barros JAC, Sá MPBO. Automedicação em idosos na cidade de Salgueiro-PE. Rev. Bras. Epidemiol. 2007; 10(1): 75-85.
6. Arrais PSD, Coelho HLL, Batista MCDS, Carvalho ML, Righi RE, Arnau JM. Perfil da Automedicação no Brasil. Rev. Saúde Pública. 1997, Fev; 31(1): 71-77.
7. Junior VFV. Estudo do consumo de plantas medicinais na Região Centro-Norte do Estado do Rio de Janeiro: aceitação pelos profissionais de saúde e modo de uso pela população. Rev. Bras. Farmacogn. 2008, Abr/Jun; 18(2): 308-313.
8. Costa VP, Mayworn MAS. Plantas medicinais utilizadas pela comunidade do bairro dos Tenentes - município de Extrema, MG, Brasil. Rev. Bras. Plantas Med. 2011;13(3):282-292.
9. Bagatini F, Blatt CR, Maliska G, Trespash GV, Pereira IA, Zimmermann AF, Storb BH, et al. Potenciais interações medicamentosas em pacientes com artrite reumatoide. Rev. Bras. Reumatol. 2011; 51(1): 20-39.